



i

02-10-2013

<b>Periodicidade:</b> Diária	<b>Temática:</b> Política
<b>Classe:</b> Informação Geral	<b>Dimensão:</b> 1042
<b>Âmbito:</b> Nacional	<b>Imagem:</b> S/Cor
<b>Tiragem:</b> 80000	<b>Página (s):</b> 1/2/3

# AUTÁRQUICAS. 54,6% DOS PORTUGUESES RECUSARAM VOTAR EM PARTIDOS

// PÁGS. 2-3

# PSD. Passos quer enterrar autárquicas. Segundo resgate é o próximo pesadelo

Bases querem acertar contas com responsáveis pelas eleições, mas direcção já só quer falar de europeias e da saída da troika

LILIANA VALENTE  
[liliana.valente@jonline.pt](mailto:liliana.valente@jonline.pt)

Os meses de Setembro e de Outubro de 2013 podem ficar para a história de Passos Coelho como aqueles em que tudo o que é mau lhe aconteceu politicamente. No rescaldo das eleições, Passos reuniu ontem os órgãos do partido e não tirou a pressão. As eleições perderam-se, mas agora há um risco maior (também para o partido) que as autárquicas: os constantes chumbos do Tribunal Constitucional e a desconfiança dos mercados financeiros, que podem levar Portugal a ter de ser resgatado pela segunda vez. Para evitar falar em cenários mais negros, o partido decidiu ontem dar um chuto para a frente: agora só vai falar de eleições europeias, do fim do programa de ajustamento e da necessidade de consenso com o PS.

Fonte do PSD contou ao *i* que durante a tarde, quando reuniu a direcção e a Comissão Política, o primeiro-ministro, na pele de presidente do PSD, lamentou a derrota nas autárquicas, mas garantiu que vai continuar a trabalhar para que Portugal consiga fechar o programa. Sem se referir às negociações com a troika, ainda em curso, Passos preferiu por outro lado salientar a importância que continua a ter a estratégia de mostrar confiança para que os mercados financeiros acreditem no país e para que este possa financiar-se a tempo do fecho

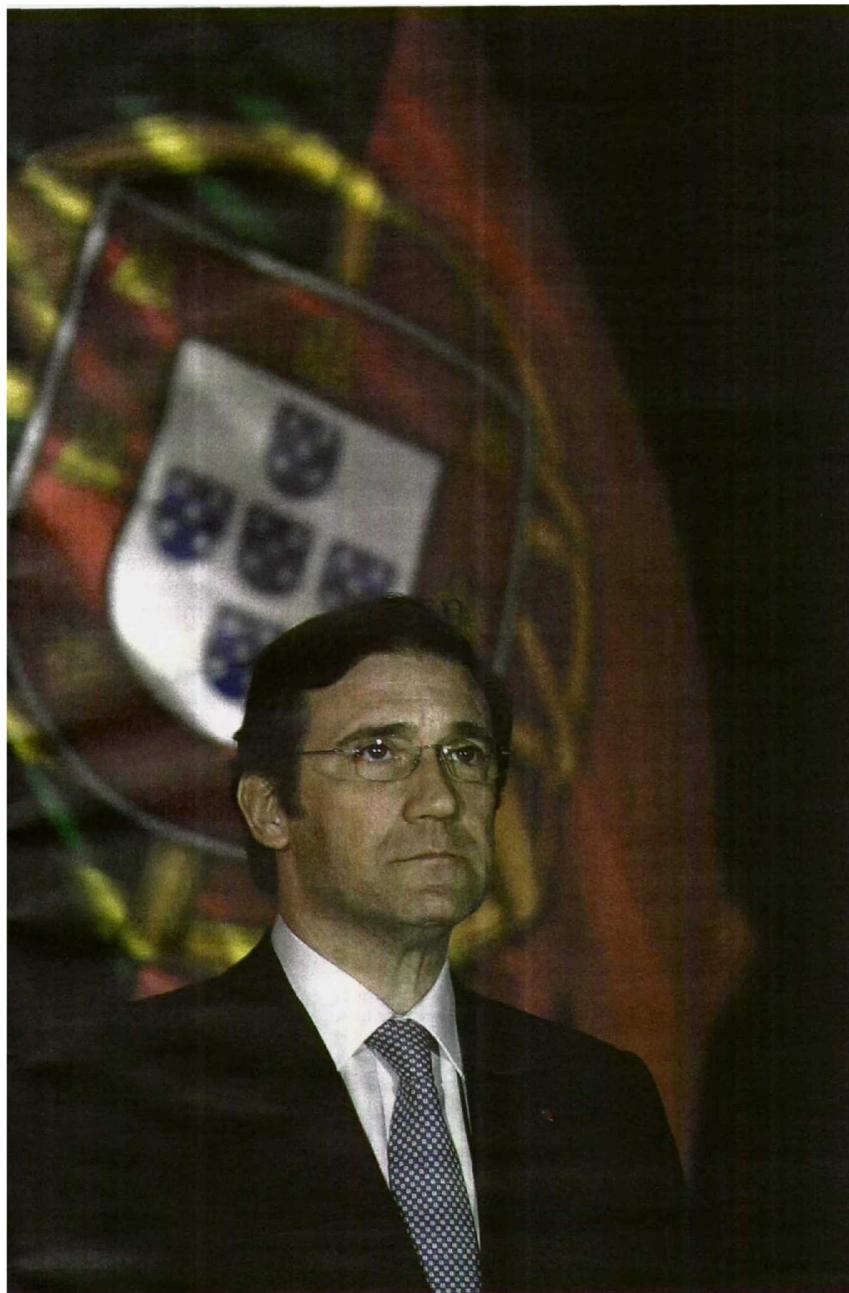
do programa. Mas a maior pedra no sapato e o principal bloqueio a um bom resultado do governo, argumentou Passos Coelho junto do seu núcleo duro, é o Tribunal Constitucional.

Além do TC e dos mercados, o PSD vai continuar a insistir na necessidade de consenso com o PS e as autárquicas dão-lhe o mote da **responsabilidade**. Primeiro foi Miguel Poiares Maduro e, à entrada do conselho nacional, Paula Teixeira da Cruz. A ministra da Justiça fez um apelo a que todos percebam que "o país está em causa" e que por isso "não é altura de tricas nem de golpes palacianos". Numa frase enigmática, que não quis concretizar, mas que disse ser dirigida "transversalmente" a todos os partidos, mesmo ao PSD e ao PS. Até porque "não nos podemos dar ao luxo de divisões transversais entre os partidos".

**RESPONSABILIDADE INTERNA** Mas se a direcção do PSD vai querer passar a grande velocidade por cima da derrota nas eleições locais, as bases do partido não desculpam algumas escolhas, que desenharam os contornos de uma derrota ainda maior, nem os "traidores". Por isso, ontem à noite, no conselho nacional do partido, que decorria à hora de fecho desta edição, alguns conselheiros lembraram os erros e pediram uma mudança de rumo das políticas do governo, além da expulsão dos militantes que fizeram parte de listas que con-

## BE "muito aquém", PCP festeja

O coordenador do Bloco de Esquerda (BE) João Semedo assumiu que os resultados do partido nas eleições autárquicas de domingo ficaram "muito aquém" das expectativas e convocou uma reunião da Mesa Nacional do para 12 de Outubro. "Estas eleições confirmaram [...] uma muito frágil inserção do BE nas autárquias e no trabalho autárquico", assumiu João Semedo no final da reunião da comissão política em que o partido analisou a derrota nas autárquicas (perdeu a única câmara que tinha e não elegeu nenhum vereador em Lisboa). Razões para festejar tem o PCP. Jerónimo de Sousa, no final da reunião do comité central, disse que a CDU foi a única força política "a crescer em votos, percentagem, maiorias e mandatos" nas eleições autárquicas de domingo. Os comunistas ganharam mais seis câmaras que em 2009.



correram contra as do partido ou as apoiaram. Moreira da Silva, que foi o coordenador autárquico, recusou comentar o desaire eleitoral, mas deixou escapar que falaria mais tarde “dessas costas tão largas que estão a tentar impor-me”.

**CHUTO PARA A FRENTE** Para esquecer o passado/presente da derrota das eleições autárquicas, o PSD prepara já os próximos meses. As eleições directas serão em Janeiro e o Congresso ordinário do partido será antecipado para Fevereiro. Pelo meio

há ainda a preparação da coligação com o CDS para as europeias e por isso os sociais-democratas fizeram sair ontem um manifesto, que assinam sozinhos, a traçar as linhas gerais do que defendem para a Europa, tendo como base a permanência na zona euro e um maior aprofundamento da união económica e financeira. E Teixeira da Cruz até lembrou que está na altura de o PS dizer aos portugueses como vai conseguir fazer uma mutualização da dívida ou “um perdão da dívida sem ir aos depósitos dos portugueses”.

**Passos Coelho vai a eleições em Janeiro próximo**

PEDRO NUNES/LUSA

## Autárquicas. 54,6% dos portugueses recusaram votar em partidos

Mais de 5 milhões de eleitores não foram votar, votaram em branco, anularam os votos ou optaram por votar em listas independentes

●●● São números impressionantes, que revelam o crescente afastamento dos portugueses dos partidos políticos: de 5 187 161 de portugueses inscritos nos cadernos eleitorais, 54,6%, rejeitaram votar nos partidos políticos, parlamentares ou não, nas eleições autárquicas de domingo. A abstenção foi a opção para 4 502 230 portugueses, 47,41%, o voto em branco atraiu 193 284 cidadãos, 3,87%, o nulo teve 147 081 votos, 2,95%, e as cerca de 80 listas de independentes só para as câmaras municipais tiveram o voto de 344 566 eleitores, 6,9%. Tudo somado, foram 5 187 161 os portugueses que recusaram votar nos partidos políticos.

Em relação às eleições autárquicas de 2009, registam-se subidas na abstenção, nos votos em branco, nos nulos e nas candidaturas independentes. Há quatro anos a abstenção foi de 40,99%, os votos em branco 1,72%, nulos 1,25% e 4,17% votaram em candidaturas independentes. Relevante ainda é o facto de a abstenção ter sido a maior desde 1976, primeiro ano de eleições para o poder local. E de ser

a terceira maior em todos os actos eleitorais registados em Portugal desde 1975, incluindo legislativas, presidenciais e europeias. Os maiores valores aconteceram nas presidenciais de 2001, com Jorge Sampaio a ser eleito para um segundo mandato contra Ferreira do Amaral, ex-ministro de Cavaco e actual presidente da Lusoponte, e mais recentemente, em 2011, na reeleição de Cavaco Silva, em que Manuel Alegre era o candidato do PS.

**PIOR NOS CENTROS URBANOS** Mas a abstenção atingiu valores impressionantes nos principais centros urbanos, com destaque para os distritos de Lisboa, Setúbal e Faro. O distrito de Lisboa, onde António Costa arrebatou uma vitória sem precedentes para o PS, teve 55,49% dos eleitores ausentes das mesas de voto. Setúbal foi outro dos distritos negros. Quase seis em cada dez eleitores não quiseram contribuir para as contas autárquicas, isto é, uma percentagem de 60% de abstencionistas. E em Faro a abstenção chegou aos 52,5%. A.R.F.



Ficaram 5 milhões em casa

PEDRO AZEVEDO